



## DE QUEM NÓS SOMOS FEITOS? ESTUDO COLETIVO DAS ETNIAS QUE NOS FORMAM

Patrícia Michelin da Silva<sup>1</sup>  
Suelen Pedretti<sup>2</sup>  
Daniela Vieira Costa Menezes<sup>3</sup>

### Resumo

Ao longo do ano 2017, foi proposto um estudo coletivo sobre as origens étnicas do povo brasileiro, visando ao reconhecimento da diversidade presente na nossa cultura, em busca do respeito pela diferença como base para uma cultura de paz. Cada uma das 13 turmas da escola se tornou responsável pela pesquisa sobre um povo que faz parte de um dos principais grupos étnicos que fazem parte da nossa história. Começamos com atividades visando o contexto histórico, social e cultural de datas comemorativas, a partir da participação dos indígenas, negros e europeus na formação do nosso povo. A realização coletiva da “Árvore da Diversidade”, construída com o autorretrato de todos os alunos, professores e funcionários da escola, mostrou que temos um pouco igual e um pouco de diferente entre nós. Em seguida, cada turma teve a tarefa de realizar uma pesquisa a partir de um povo entre indígenas, africanos e europeus. A Feira Científica da escola (realizada em junho), expressou as primeiras aprendizagens da pesquisa, que será concluída na Festa dos Povos (que será realizada em outubro). Dessa forma, foi possível realizar um projeto coletivo pautado na metodologia de ensino-aprendizagem pela pesquisa, partindo do direcionamento da equipe diretiva e assumido integralmente pelo grupo de professores da escola, em que expressamos um trabalho coerente com a legislação vigente; integrado aos planos de estudos de cada ano; e integrador de conteúdos e de pessoas. Como resultado, temos uma caminhada em direção à valorização da diversidade étnica, que alimenta a solidariedade e a cultura da paz.

**Palavras-chave:** Diversidade; Solidariedade; Cultura da Paz.

1 Licenciada em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia. Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo desde 2000. Coordenadora Pedagógica da EMEF Maria Quitéria.

2 Licenciada em Pedagogia, especialista em Gestão Escolar. Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo desde 2005. Diretora da EMEF Maria Quitéria.

3 Licenciada em Pedagogia, especialista em Espaços e Possibilidades da Formação Continuada, em TIC aplicada à Educação e em Educação Ambiental. Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo desde 2010. Orientadora de Estudos do PNAIC em Ação 2016. Prof<sup>a</sup> titular do 3º ano do Ensino Fundamental da EMEF Maria Quitéria.



## INTRODUÇÃO

A permanência na escola está garantida pela legislação brasileira como um dos direitos fundamentais da criança. Porém, não basta estar na escola: é urgente que a escola proporcione, cada vez mais, múltiplas vivências para que o período de educação formal ofereça para a sociedade cidadãos plenos, em seus direitos e deveres.

Porém, vivemos um tempo em que as condições necessárias para uma vida digna são constantemente subtraídas diante dos olhos daqueles que se preparam para o futuro. A vida cidadã exige novas práticas sociais, nas quais os direitos humanos sejam sobrepostos aos direitos econômicos.

Nesse enfrentamento entre o ser e o ter, se encontra-se a escola básica, com uma sobrecarga de tarefas. Cabe-nos assumir, também, com outras instâncias sociais, o dever de propagar uma cultura de paz através do reconhecimento da diversidade e do respeito à diferença.

Percebemos que o desconhecimento ou a pouca reflexão sobre as diversas origens dos povos que compõem o povo brasileiro – em especial o povo gaúcho, expresso na nossa comunidade escolar – leva as pessoas a terem um comportamento discriminatório uns em relação aos outros. Nessa perspectiva, o presente projeto se justifica, buscando a ampliação do debate sobre o reconhecimento do outro, em suas igualdades e diferenças.

A escola, no entanto, trabalha com o conhecimento. Precisamos levantar o debate à luz dos conteúdos destinados a cada série atendida pela escola. Temos, portanto, como objetivo principal, o aprofundamento dos conhecimentos sobre as diferentes etnias que compõem a identidade cultural e social da comunidade escolar da EMEF Maria Quitéria. Da mesma forma, buscamos valorizar as influências dos diferentes povos na formação da nossa realidade cotidiana.

Portanto, trata-se de um projeto escolar, pautado na metodologia de ensino-aprendizagem pela pesquisa, que parte do trabalho realizado em cada sala de aula para os espaços coletivos, dentro e fora da escola. A participação da comunidade escolar, em momentos de integração de saberes, é fundamental para que as discussões iniciadas entre os alunos possam transbordar para o convívio familiar.

Dessa forma, a escola cumpre o seu papel no desenvolvimento da



consciência social de sua comunidade escolar, enquanto dissemina aprendizagens que promovem a diversidade, o respeito pela diferença e a cultura da paz na escola, combatendo as discriminações e o *bullying*.

## ORGANIZAÇÃO TEÓRICA

Entre a marca biológica e a marca cultural de um povo, há uma infinidade de variações possíveis. Tão diverso quanto é o ser humano, também é a vida que existe ao nosso redor. Pois “a Terra é a totalidade complexa físico-biológica-antropológica, onde a vida é uma emergência da história da Terra, e o homem, uma emergência da história da vida terrestre” (MORIN, 2002, p.40).

Não podemos esquecer que fazemos parte de uma história mais antiga do que a humanidade. Reconhecer nossa condição humana diante da biodiversidade do nosso planeta é um ponto chave para começarmos a compreender que, biologicamente, o que nos separa é menor do que o que nos aproxima. Morin (2002), lembra que “tudo que há de preciso na Terra é frágil, raro e destinado a futuro incerto” (MORIN, 2002, p. 59), pois:

A aventura da vida é, em si mesma, uma história atropelada, com catástrofes que provocaram extinções em massa entre as espécies e o surgimento de novas espécies. No meio dessa aventura, o ramo de um ramo de um ramo de antropóides foi lançado, por sorte ou azar, na nova aventura da hominização (...). (MORIN, 2002, p.58)

Ainda estamos aprendendo sobre o nosso corpo e as nuances da nossa vida física. A separação, promovida pelas ciências, entre o biológico e o cultural, contribuiu para que a desinformação promovesse preconceitos infundados. Tais ideias foram utilizadas como verdades, justificando ações de violência durante toda a história da humanidade.

Mas a vida é mais do que um conjunto de células, que se relacionam. Cada indivíduo é individual e coletivo ao mesmo tempo. Por isso, “cada um deve estar



plenamente consciente de que sua própria vida indivíduo é individual e coletivo ao mesmo tempo. Por isso, “cada um deve estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura (...). Cada um deve estar plenamente consciente de participar da aventura da humanidade” (MORIN, 2002, p. 63).

De nossa individualidade, partem pensamentos, palavras e ações que expressam conhecimentos que recebemos do ambiente coletivo que nos rodeia. Cada aluno, cada professor, cada familiar, cada funcionário, vive de acordo com a inter-relação do biológico e do cultural em suas experiências. Porém, é na construção permanente da prática social que delimitamos o nosso comportamento cotidiano. Mas vivemos em um tempo definido, marcado por um espaço conhecido. O conhecimento que chega até nós está sujeito a tantas interpretações quantas são as nossas percepções da realidade. Tornou-se necessário delimitar um padrão de comportamento para que a vida coletiva fosse possível.

Dessa forma, os direitos e deveres foram constituídos ao longo do tempo e das experiências da humanidade. Na contemporaneidade, o código vigente aponta para princípios éticos, que constituem os Direitos Humanos. Partindo da luta dos movimentos sociais, no Brasil e no mundo, chegamos a um documento que deve fundamentar a prática escolar, no que se refere a tal temática.

A Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2013), integra em suas diretrizes nacionais, o conteúdo de vários outros documentos, que servem como princípios para a organização da escola básica. Temáticas pertinentes ao cotidiano escolar, como a dignidade humana, a democracia cidadã, a diversidade étnica, sexual e religiosa, a transformação social e a sustentabilidade socioambiental. Todas essas temáticas estão presentes desde a Constituição Federal de 1988, passando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1999, até chegarem em suas diretrizes curriculares específicas, publicadas na última década.

Considerando que “o ambiente educacional não é um recinto propriamente dito. É o tempo e o contexto em que a aprendizagem [formal] acontece” (BRASIL, 2013, p. 13), a escola deve se ocupar de questões pertinentes às práticas sociais, sobretudo àquelas percebidas em seu entorno.



Como cidadão, o ser humano enquanto criança também exercita continuamente um sentimento de solidariedade e responsabilidade em relação à sua comunidade. Portanto:

A progressão e o enraizamento desta consciência de pertencer à nossa pátria terrena é que permitirão o desenvolvimento (...) de um sentimento de religião e intersolidariedade, imprescindível para civilizar as relações humanas. (MORIN, 2002, p.73)

Dessa forma, o trabalho escolar deve buscar um constante direcionamento para práticas que promovam a cidadania a partir do respeito irrestrito e da solidariedade. O combate ao preconceito permite a valorização do indivíduo a partir de seus limites e potencialidades, promovendo sua inclusão no convívio social.

Nesse sentido, Freire (2002) lembra que “a prática preconceituosa (...) ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 2002, p.40). Portanto, “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão” (MORIN, 2002 p. 65).

Aprende-se a viver em escolas onde cada aluno pode se expressar plenamente em suas relações com o outro, onde exista a “emoção estética do deslumbramento (...) [expressando a] (...) qualidade poética da vida” (MORIN, 2002, p.48).

Porém, a escola básica brasileira segue convivendo com o paradoxo de uma legislação progressista em uma estruturação engessada em um passado educacional pouco criativo. Uma vez que:

Nossas escolas são construídas segundo o modelo das linhas de montagem. Escolas são fábricas organizadas para a produção de unidades biopsicológicas móveis, portadoras de conhecimentos e habilidades. Esses conhecimentos e habilidade são definidos exteriormente por agências governamentais a que se conferiu autoridade para isso. Os modelos estabelecidos por tais agências são obrigatórios, e têm a força de leis.



Unidades biopsicológicas móveis que, ao final do processo, não estejam de acordo com tais modelos são descartadas. É a sua igualdade que atesta a qualidade do processo. (ALVES, 2012, p. 38)

Além disso, a formação de seus professores nem sempre acompanha os desafios impostos ao cotidiano escolar. Chegando nas salas de aula, o conhecimento vivo do cotidiano, é domesticado em uma linearidade de informações, expressas em conteúdos inócuos e atividades que sobrepõem a memorização diante da reflexão. O que nos impõe um novo obstáculo, em que:

A rarefação do reconhecimento dos problemas complexos, a superabundância dos saberes separados e dispersos, parciais e fragmentários, cuja dispersão e fragmentação são em si mesmas fontes de erro, tudo isso nos confirma que um problema-chave de nossa vida de indivíduo, de cidadão, de ser humano na era planetária, é o problema do conhecimento. (MORIN, 2015, p. 17)

Diante de impasses conceituais e metodológicos, é preciso nos armar com estratégias criativas, fugindo das repetições pouco produtivas, em direção a alternativas que atendam às especificidades presentes no nosso cotidiano escolar. Porém, é preciso considerar o que nos diz Ruben Alves (2012), sobre o currículo e o plano de estudos, denominados por ele sob o termo “programa”:

O conhecimento é uma árvore que cresce da vida. Sei que há boas escolas que têm boas intenções, e que se esforçam para que isso aconteça. Mas as suas boas intenções são abortadas porque são obrigadas a cumprir o programa. Programas são entidades abstratas, prontas, fixas, com uma ordem certa. Ignoram a experiência que a criança está vivendo. Aí tenta-se, inutilmente, produzir vida a partir dos programas. (ALVES, 2012, p.51)

A tarefa do grupo de professores com sua equipe diretiva é, portanto, elaborar uma proposta de trabalho pedagógico que envolva, ao mesmo tempo, os princípios da legislação, os conteúdos programáticos que cada série precisa



aprender, os desejos dos indivíduos envolvidos e as necessidades que o convívio social expressa. Sobretudo, é preciso “mostrar que ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação (...), do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida” (MORIN, 2002, p.47).

Não se trata de uma tarefa simples. Mas é na urgência de tal tarefa, que se expressa a sociedade que queremos no futuro.

## **METODOLOGIA**

Para a construção metodológica, fizemos uso de um conjunto de práticas que valorizaram a autonomia no gerenciamento de cada sala de aula. O projeto aqui apresentado é o resultado de um movimento da Equipe Diretiva da EMEF Maria Quitéria, desafiando o potencial pedagógico das professoras titulares de cada turma. Porém, foi preciso partir de princípios comuns, presentes no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, visando a uma vivência integral do que está contido no documento. Para tanto, foi elencada uma temática, organizada uma agenda coletiva e estimulada a construção coletiva das atividades que se tornaram as bases dos projetos. Fazia-se necessário articular o grupo de professores num elemento integrador, sem que fossem desrespeitadas a autonomia, a diversidade pedagógica e as individualidades de cada turma da escola.

Para tanto, seguimos os seguintes pressupostos: na história do Brasil, houve uma tentativa de silenciamento da voz e da vez dos povos africanos e indígenas na construção da identidade do povo brasileiro; a falta de formação efetiva nos cursos acadêmicos frequentados pelo corpo docente da escola; e, a legislação que acrescenta ao currículo esse importante elemento não-racista e, sobretudo, integrador. Além do exposto, consideramos que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante,



comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos. (FREIRE, 2002, p. 46)

Diante de todas as considerações expostas, a equipe diretiva trouxe a proposta de um grande tema gerador, que provocasse a desacomodação e buscasse a construção de saberes através da pesquisa. É importante ressaltar que a pesquisa na Educação Básica deve se ajustar às características e necessidades das crianças, pois:

Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso (...). Dessas coisas invisíveis aos eruditos olhos (...) nasce o espanto diante da vida; desse espanto, a curiosidade; da curiosidade, a fuçação (essa palavra não está no Aurélio!) chamada pesquisa; dessa fuçação, o conhecimento; e do conhecimento, a alegria! (ALVES, 2012, p.68)

Sabemos que a organização dos espaços e tempos da escola são elementos de tensionamento, aos quais temos a impressão de que nos faltará fôlego para tudo. Para garantir sua fruição sem afobamentos, o projeto foi planejado a partir do calendário 2017, ainda em 2016, com o intuito de agregar certas ações coletivas e deixar tempo suficiente para tecer as práticas de pesquisa individuais. Pensou-se três grandes eventos comuns, quais sejam: Feira Científica e Literária, Gincana escolar e Festa dos Povos. Esses momentos coletivos foram pensados para o compartilhamento de todos os saberes que já haviam sido pesquisados e construídos por cada professora com seu grupo de alunos. Portanto, o presente projeto foi organizado da seguinte maneira:

1. Apresentação dos 3 grupos étnicos que formaram o Povo Brasileiro.
2. Início da pesquisa de um povo, que compõe um dos 3 grupos étnicos.
3. Escolha de uma temática e de uma obra literária a partir da pesquisa inicial.
4. Apresentação das aprendizagens iniciais para a comunidade escolar.
5. Complementação da pesquisa e produção sobre o povo da turma.



6. Apresentação artístico-científica sobre as aprendizagens do projeto.
7. Festa dos Povos para integração da comunidade escolar.

Cada turma ficou, portanto, responsável por um povo, que foi distribuído por sorteio. Os povos foram separados devido à importância étnica que tiveram na formação do povo brasileiro e, em especial, do gaúcho. Foram somados aos povos indígenas: Charruas, Guaranis Nandewa, Minuano e Kainguangues, os povos africanos Iorubás, Malês e Baribas, os europeus: Alemães, Italianos, Espanhóis Portugueses, Açorianos e Poloneses e os asiáticos, representados pelos Japoneses. Para iniciar esse trabalho coletivo, aproveitamos algumas datas comemorativas presentes nos meses de abril e maio para a introdução da temática. Ao invés de demarcar o “Dia do Índio” (19/04), o “Descobrimento do Brasil” (22/04) e a “Abolição dos Escravos” (13/05), iniciamos um estudo histórico sobre as circunstâncias em que os Indígenas, os Europeus e os Africanos se encontraram, transformando suas bagagens culturais no processo de construção do povo brasileiro.

Para tanto, contamos com a presença do Prof. Dionatan Batirolla, da EMEF Elvira Brandi Grin, para conversar com alunos do 3º ao 5º ano sobre os povos indígenas. Cada uma das turmas contou com a presença do professor convidado em suas salas de aula, onde dialogaram a partir de imagens, sobre as características do colonialismo europeu nas Américas e as consequências para os povos que aqui estavam. A partir dessa visita, as turmas organizaram atividades para dividirem com os alunos do 2º ano, 1º ano e Faixa Etária 5 anos, as aprendizagens que vivenciaram. Foram levadas atividades pautadas em músicas e imagens, que expressaram de forma lúdica um momento fundamental da história do nosso país, no que se refere à formação do nosso povo.

Através de atividades que envolveram a integração de turmas com diferentes faixas etárias e produções de materiais que valorizaram a interdisciplinaridade, os alunos foram convidados a refletirem sobre suas próprias características fenotípicas e culturais a partir de nossos antecedentes comuns.

Esse momento inicial culminou no aniversário da escola (21/05) com a construção de uma “Árvore da Diversidade”, momento em que cada aluno, professor e funcionário da escola, recebeu o desafio de produzir um auto-retrato, contendo sua auto-imagem. Todos esses desenhos foram misturados em uma grande árvore no

centro da área coberta da escola, que modificou o cenário cotidiano dessa parte coletiva do ambiente escolar.

Figura 1: Árvore da  
Diversidade



Fonte: Arquivo da escola

O projeto das etnias continuou com a preparação para a Feira Científica da escola, realizada paralelamente à Feira do Livro. Cada turma realizou um recorte da sua pesquisa, apresentando, sob a metodologia científica, uma temática relativa ao seu povo. Além disso, cada professora titular escolheu uma obra literária a partir dos estudos realizados até o momento, expressando uma marca cultural brasileira, construída a partir da contribuição de um de seus povos formadores.

Através da interação entre atividades cotidianas, desenvolvidas em cada turma e atividades coletivas, os meses de abril e maio foram marcados pelo reconhecimento de marcas culturais que valorizam a diversidade existente em nosso país. A partir disso, a tolerância e o respeito devem fazer parte do convívio entre os alunos. Dessa forma, as comemorações presentes entre os meses de Abril e maio foram o ponto de partida para o estudo dos povos integrantes das diferentes etnias estudadas pelas turmas.

Cada professora com sua turma construiu e organizou seu próprio



planejamento de pesquisa, abordando com seus alunos, que foram conduzidos pela curiosidade. Os ritmos foram respeitados, já que a prática pedagógica de cada uma foi respeitada. O trabalho de cada professora expressou sua própria trajetória diante da temática, sobre a qual elas também aprenderam através da interação com seus alunos e com colegas. Seguimos, portanto, Paulo Freire (2002):

Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos. (...) Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo, não é transferido, mas co-participado. FREIRE, 2002, p. 41.

O projeto de ensino-aprendizagem, metodologia de trabalho presente no PPP, traz a possibilidade de realizar algo que ainda não aconteceu, mas que é possível. O processo de projetar implica analisar o presente como fonte de possibilidade futura. Parecia possível – e foi! – construir uma proposta coletiva de integração social, cultural e ambiental, agregando diferenças e semelhanças, comparando as diversidades a fim de respeitá-las.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nosso cotidiano é marcado por elementos culturais que, quando problematizados, demonstram a diversidade existente na nossa história. Compreendendo que a raiz dos preconceitos étnicos estão na inferiorização histórica de alguns povos em detrimento de outros, o reconhecimento das contribuições de todos os povos, de forma integrada, na formação do povo brasileiro, permite a construção de um sentimento de pertencimento diante da diversidade e a superação de conflitos pautados nas diferenças.

As datas comemorativas fazem parte de movimentos culturais presentes na comunidade e no cotidiano escolar. Por isso, ao invés de descartar um trabalho pautado nessas datas, a opção de incluí-las no projeto permitiu que tais vivências sócio-culturais fossem ressignificadas. Pois, uma vez problematizadas quando à

origem e ao significado, tais datas se tornam parte de um contexto cultural maior, que alimenta identidade dos alunos como indivíduos em formação.

Além disso, independente do povo sorteado pela turma, entendemos que foi importante que todas as turmas abordassem os 3 grupos étnicos, antes do estudo relacionado ao seu povo. Assim, puderam reconhecer os diferentes povos indígenas como a base da construção do povo brasileiro; perceber as nuances da escravidão africana como a base para muitos preconceitos raciais existentes no Brasil; contextualizar historicamente as comemorações religiosas de origem judaico-cristã, valorizando sua mensagem de tolerância diante do diferente; compreender que a história de Novo Hamburgo e da Roselândia têm uma relação com a formação de seu povo, que integra a diversidade identificada no Brasil.

Quadro 1: Relação entre povos de cada etnia e ações das turmas

Etnia	Povos	Turmas	Desenvolvimento no 1º semestre
	Guarani	FE 5 anos A	Estudo sobre os Super-Heróis, apresentando os indígenas como os protetores da natureza. Experimento com o urucum, como disfarce de super-herói.
	Minuando	3º ano A	Estudo sobre as curiosidades dos alunos, incluindo os povos indígenas. Apresentação do Boi Bumbá, que integra as culturas. Estudo sobre as várias moradias indígenas, cada povo tem seu jeito de construí-las, produção de maquetes, das moradias indígenas.
	Charruas	3º ano C	Estudo sobre o Sistema Solar. Atividades a partir da obra do pintor indígena Elon Brasil, Pinturas com urucum.
	Kaigangue	Mais Educação	Construção de maquetes literárias a respeito das diversas lendas e histórias indígenas que pesquisaram. Reflexões sobre a moradia do povo.
A F R I C A N O S	Iorubás	1º ano B	Experiência sobre a Cocada, alimento trazido pelos Iorubás para o Brasil. Trabalharam a Arte Iorubá, produziram um texto coletivo das pesquisas realizadas, descobriram que os portugueses os trouxeram a força para o Brasil.
	Baribas	2º ano B	Estudo sobre as doenças existentes no continente africano. Conheceram a história EVA, trabalharam uma receita da culinária Bariba.
	Malês	3º ano B	Estudo sobre o Aedes aegypti, que veio para o Brasil nos Navios Negreiros. Campanha no bairro sobre os cuidados necessários para a erradicação das doenças causadas pelo mosquito. Estudos sobre a escravidão e preconceito.
	Portugueses	4º ano B	Estudo sobre lendas portuguesas. Reflexão sobre a influência portuguesa no Brasil. Conheceram no mapa, o caminho percorrido, as caravelas, construíram esculturas de embarcações.
	Espanhóis	2º ano A	Estudo sobre os falsos cognatos e a relação da língua espanhola com a língua portuguesa no Brasil. Experimento do pão espanhol.

	Alemães	4º ano A	Estudo sobre a Casa Enxaimel, onde descobriram como foram feitas essas casas, visitaram o núcleo de casas enxaimel em Ivoti, aprenderam alguns costumes, músicas e palavras. Construíram maquetes. Fizeram a reescrita de contos clássicos dos Irmãos Grimm.
	Açorianos	1º anos A	Estudo sobre a alimentação. Descobriram o percurso dos Açorianos até o Brasil, trabalharam a culinária, bandeira, os nomes.
	Italianos	FE 5 anos B	Conheceram a história do Pinóquio, descobriram como os italianos chegaram aqui, pesquisaram sobre comidas italianas, trabalharam sobre a diferença entre as farinhas e fizeram pão.
	Poloneses	5º ano B	Relação de costumes poloneses diferentes dos nossos, comparando-os, focando a pesquisa na cidade Polonesa Zalipie, que tem características específicas na decoração de suas casas.
	Japoneses	5º ano A	Estudo sobre a diferença das línguas japonesas, refletindo sobre os tipos diferentes de línguas, dependendo da função. Descobriram músicas, traduziram seus nomes, aprenderam muitas expressões.

Fonte: Autoras

Para apresentar as atividades desenvolvidas no Projeto das Etnias, organizamos a tabela acima, com uma breve descrição do que foi abordado em cada sala de aula. A análise do desenvolvimento das atividades, realizadas por cada turma, permite a percepção da diversidade de estratégias utilizadas, por um lado, e o encontro de abordagens, consequente do planejamento colaborativo, por outro.

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros, por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que deve ser desenvolvida e não atrofiada. (MORIN, 2002, p. 16)

A busca por um trabalho cada vez mais integrado e integrador permite que a escola realize o ensino globalizado, que a legislação determina para as etapas escolares vividas na escola. Essa não é uma tarefa finalizada neste projeto, mas deve ser uma preocupação constante na Educação Básica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta de uma prática pedagógica focada na diversidade, mostra o



grande desafio da escola de estar atento às diferenças econômicas, sociais e étnicas de sua comunidade escolar. E para isso, precisa respeitar os princípios da legislação, os conteúdos programáticos, os indivíduos envolvidos e o contexto social.

A formação de indivíduos com uma mentalidade voltada para a construção de uma sociedade mais igualitária e menos pautada no preconceito diante do diferente perpassa pela escola. No ambiente escolar, encontramos a possibilidade de enxergar estratégias para a superação de dilemas sociais e, assim, construir uma nova forma de gerenciar as demandas da humanidade, menos predatória e mais solidária.

A população do nosso estado é bastante miscigenada. Isso ocorreu em razão da mistura de diversas etnias que aconteceu no país, que permitiram a formação da população e a ocupação do território brasileiro. Os principais grupos foram os povos indígenas, africanos, imigrantes europeus e asiáticos.

O desafio – e papel – da escola é reconhecer que cada um tem uma riqueza cultural, com costumes e modos diferenciados de viver. Faz parte deste desafio, a construção diária, entre professores e alunos. O conhecimento sobre as diferentes matrizes culturais que existem e que compõem a comunidade na qual a escola está localizada, é o primeiro passo para uma convivência com respeito, aceitando com tolerância o espaço e a individualidade de cada um. É possível realizar atividades em que todos mostrem um pouco do que sabem e estão acostumados a fazer no seu cotidiano, valorizando a importância de respeitar as diferenças enquanto se questiona a discriminação e preconceito que existem.

Podemos afirmar que o nosso projeto escolar, pautado na metodologia de ensino-aprendizagem pela pesquisa, chama atenção para a necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre as diferentes etnias que compõem a identidade cultural e social da nossa comunidade escolar. Num tempo denominado pelos problemas da globalização, o conhecimento do que é local revela-se decisivo para que se possa estabelecer uma relação adequada entre aquilo que percorre todo o mundo.

Podemos considerar sobre essa perspectiva que socializar o conhecimento deve ser tarefa primordial da escola, mas é também de atuar na transformação dos



**XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica**  
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

saberes e essa soma de esforços é quem promove o pleno desenvolvimento do indivíduo como cidadão. Pois “a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (MORIN, 2002, p. 11).

Assim, podemos contribuir para a construção de uma comunidade solidária, que alimente a cultura da paz, onde o exercício da cidadania não se constitua como privilégio de poucos, mas direito de todos. Para tanto, é fundamental a participação de toda comunidade escolar, com a disseminação de todas as aprendizagens, chegando ao convívio familiar. Assim, a escola cumprirá o seu papel no desenvolvimento da consciência social na comunidade em que está inserida.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, R. **A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir**. Campinas: Papyrus, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.